

REPARE PALMAS: INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS EM PALMAS-TO

BONATTO, LETÍCIA

1. Instituição: Universidade Federal do Tocantins

603 Sul, Alameda 06, Lote 30. CEP 77016-363. Palmas -TO

leticia.bnt@hotmail.com

RESUMO

Quando pretendemos estabelecer relações entre a arte e o espaço urbano, fora dos limites do espaço físico de uma galeria ou edifício em geral, estamos contribuindo para fortalecer o exercício social simbólico de compreensão da cidade. A arte urbana quando inserida na cidade induz a provocação e possibilita que reparemos nos espaços públicos por conta própria. Esse tipo de percepção se mostra importante, principalmente quando temos um cenário de produção do espaço urbano que ao ignorar as relações subjetivas existem no local, cria espaços destituídos de conflitos e apolíticos. Para exemplificar, como estudo de caso, a união entre arte urbana e cidade, e contextualizar tal cenário de planejamento urbano será apresentado Palmas, no Tocantins. A última capital planejada, um jargão já conhecido, apresenta em seu espaço urbano problemáticas recorrentes da cidade contemporânea. Tais problemáticas possibilitaram a concepção e a execução de três intervenções artísticas efêmeras na cidade. As intervenções propuseram expor problemas como a segregação socioespacial, a ausência da vivência física do morador na cidade, e a busca pela identidade cultural. A intervenção artística se mostra como uma alternativa para se discutir a cidade, além de ter como intenção, estalar no usuário do espaço público momentos de reflexão.

Palavras-chave: Arte urbana; cidade contemporânea; Palmas.

Introdução

Teixeira (1997) no Dicionário Crítico da Política Cultural, em uma das definições expostas sobre a Arte, afirma que a Arte apresenta de modo geral, “desenvolvimento da capacidade crítica” (TEIXEIRA, 1997, p.45), e estimula de fato, não só a apreciação artística do objeto, como também sua apreciação intelectual. Logo, entende-se que a Arte, ao estar inserida no espaço público torna visível à sociedade uma crítica ou uma reflexão sobre a própria cidade. Pallamin (2000) deixa claro que a Arte Urbana surge em cenários conflituosos da cidade pretendendo ser uma ferramenta catalizadora de reflexão, tornando acessível o discurso sobre como podemos (re)pensar e (re)discutir seus espaços públicos.

Entendemos aqui que o espaço urbano segundo Pallamin (2000) é conformado por diversas e diferentes relações simbólicas. Tais relações ao coexistirem, são passíveis de transformações e disputa, especialmente quando diferentes interesses vêm à tona e se divergem. Desse modo ao planejar e projetar o espaço urbano é importante agregar diferentes interesses, atenuando ou minimizando futuros conflitos. Harvey (2014) conclui tal pensamento ao afirmar que “a cidade é o lugar onde pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que relutante e conflituosamente, para produzir uma vida em comum” (HARVEY, 2014, p.134).

Contudo os novos processos de conformação do espaço urbano acabam por desvencilhar gradativamente as relações simbólicas existentes (Britto, Jacques, 2009). Tal processo é o reflexo do que Harvey (2014) afirma ser a “apropriação e destruição do comum urbano pelos interesses privados” (HARVEY, 2014, p.156). Espaços públicos que antes eram locais privilegiados para a expressão da cidadania (Britto, Jacques, 2009), acabam por se tornar espaços em sua maioria, excludentes.

A estratégia para criação desses cenários é ação doutrinária, espaços homogeneizados, padronizados, destituídos de conflitos, apolíticos, além de serem permeados de alvos publicitários, que disseminam a alienação do indivíduo, e geram a ruptura da ligação do indivíduo com o espaço. (Britto, Jacques, 2009)

Consequencial a esse processo formam-se, como são denominadas por Ascher (2010) novos territórios urbanos, cidades fragmentadas, dispersas, cuja conformação “enfraquecem a importância da vida cotidiana”, e conseqüentemente as relações sociais.

Paradoxalmente, as relações aparentemente mais facilitadas¹, se apresentam mais superficiais. Ao barrarem a mistura e a diversidade da cidade contemporânea, se prejudica no usuário do espaço urbano a conformação do sentimento de pertencimento individual e coletivo. A territorialidade somente se vê consolidada através da criação coletiva de valores, identificação e resgate cultural.

As práticas de manifestações artísticas recuperam dessa forma, o sentimento de reapropriação do espaço urbano.

(...) práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no espaço urbano, assim como podem também rever seus próprios papéis diante de tais transformações (...) (PALLAMIN, 2000, p.19)

E recuperam também a produção da memória local, quando se torna “um caminho contrário ao aniquilamento de referências individuais e coletivas”. (PALLAMIN, 2000, p.57)

Para tanto a arte urbana, juntamente com o urbanismo, se estabelecem, como ‘zonas’ de trocas e experiências, que conectados entre si produzem novos sentidos. Que ao questionar consensos estabelecidos se torna, sobretudo “explicitadora de tensões do/no espaço público” (BRITTO, JACQUES, 2009, p.342)

A cidade como produto

Não sendo de outro modo é necessário conhecer, como Teixeira (1997) afirma o contexto urbano e histórico que se está inserido possibilitando com isso a transformação de tal contexto em elemento de produção/formulação de uma crítica.

Retoma-se com isso a discussão sobre o espaço público apolítico e excludente descrito por Britto e Jacques (2009). O que originou a conformação desse espaço público apolítico em questão?

¹ Em função do avanço econômico e tecnológico, as cidades se modernizam, e como forma de facilitar o acesso e as trocas de informações e produtos, a acessibilidade/mobilidade se torna um elemento chave para que ocorra o estreitamento das relações de troca. (ASCHER, 2010)

Para Ascher (2010) foi o resultado da transformação econômica em um período denominado por ele como 3º Modernidade. A economia ao gerar uma mudança na produção de produtos e serviços exige ao poder público uma contribuição para a “criação de um ambiente material, econômico, social e cultural propício às atividades econômicas” (ASCHER, 2010, p.52). Diante de tais exigências as cidades se reestruturam.

Um dos principais destaques da reestruturação espacial é dado para os sistemas urbanos de mobilidades. Contudo há ainda o acréscimo de equipamentos de saúde, serviços, educação, cultura e lazer². Exigências que compartilham em comum a atração de uma mão de obra mais qualificada (ASCHER, 2010), além da busca pelo investimento da iniciativa privada³ (VAINER, 2000). Tal reestruturação é para Britto e Jacques (2009) na realidade, sinônimo de homogeneização do espaço urbano. Projetos urbanos ou projetos de cidades são facilmente reproduzíveis, de Nova York a Palmas⁴, apesar da exemplificação um tanto quanto generalizante, o discurso é o mesmo.

Palmas

No primeiro capítulo do livro *Cidades Rebeldes*, “O direito a cidade”, Harvey (2014) ilustra algumas cidades, como Nova York, onde o poder de decisão de como, aonde, de que forma, ordenar o espaço urbano se concentra nas mãos de poucos privilegiados. Privilegiados monetariamente, uma elite política e econômica que molda a cidade de acordo com seus próprios interesses. É curioso destacar o fato de que Palmas, no Tocantins, não se assemelha com uma metrópole⁵ ou uma Cidade Global⁶, como Nova York, entretanto

² Uma cidade ganha mais destaque conforme é mais bem provida de certos equipamentos, seriam eles: aeroporto internacional, hotéis de luxo, centros de convenção, um excelente transporte público, entre outras. (VAINER, 2000)

³ A captação de recursos financeiros da iniciativa privada para reconstrução do espaço urbano teve seu *boom* e destaque em 1992, em Barcelona, quando ao sediar os Jogos Olímpicos, a cidade conseguiu com tais recursos financeiros reurbanizar a cidade (ARANTES, 2000).

⁴ Palmas, a capital do Tocantins, foi criada em 1989, seu projeto de cidade foi encomendado ao escritório GrupoQuatro. Dentre outras medidas projetuais dá-se destaque a seu traçado urbano, o mesmo deixa claro no Memorial Descritivo quais seriam os objetivos básicos a serem atendidos, destaca-se entre eles, “(...) a eficiência da circulação de pessoas e mercadorias (...)”.(SEGAWA, 1991)

⁵ Segundo o IBGE de 2015, Palmas conta com uma população de 272.726 habitantes.

⁶ Para Ferreira (2004), no mundo globalizado, a Cidade Global se encontra na liderança do cenário econômico mundial. São cidades capazes de atrair grandes empresas e grandes fluxos de capital internacional. Há que se destacar que no Brasil, nenhuma cidade, inclusive São Paulo, possui vocação para tal posição. De acordo

apresenta em seu planejamento urbano atual características de gestão municipal e de decisões projetuais que seriam facilmente encontradas em alguma outra grande cidade.

Em Nova York, por exemplo, temos um prefeito bilionário, Michael Bloomberg, que está reestruturando a cidade de modo a fazê-la servir aos interesses de agentes imobiliários, de Wall Street e dos pertencentes à classe capitalista transnacional, ao mesmo tempo que continua a vender a cidade como o lugar por excelência para os grandes negócios e um fantástico destino turístico (...) (HARVEY, 2014, p.62)

Em Palmas, em 2013, assumia o cargo como prefeito um empresário bem sucedido do ramo do *shopping center*, Carlos Amastha. Construiu sua imagem de bom gestor ainda durante a campanha, se mantendo sempre próximo da população e acessível a ela. Muitos gestores ao transmitirem tal imagem, transmitem sem dúvida a imagem do seu governo, “Um governo forte, personalizado, estável, apolítico, carismático, expressando a vontade unitária de toda uma cidade de manter a trégua e a coesão interna (...)” (VAINER, 2000, p.97)



Figura 1: Atual prefeito com blusa xadrez, a direita, cumprimenta criança na plateia. 2015.
Fonte: <http://www.facebook.com/cidade.palmas>

Tal postura dá brechas para que a tomada de decisões seja consensual com a população. Ao acreditar no gestor, a população passa a acreditar que as decisões do gestor, independente dos interesses por trás dela, também são as suas.

Ferreira (2004) define tal estratégia como consensos induzidos, o discurso é legitimado pela população com a promessa de que tal decisão, ou renovação urbana, ou investimento, será “a porta de entrada para o chamado arquipélago das cidades globais” (FERREIRA, 2004, p.4), juntamente com a promessa de mudança e ascensão social, econômica, cultural.

com o autor o que ocorreu foi que a definição da Cidade Global, passou a ser amplamente difundida pela mídia e fortemente incentivado pelo Poder Público gerando altas expectativas e falsos conceitos.

II SAMA – Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia

13, 14, 15 e 16 de março de 2017.

Um claro exemplo se mostra na Figura seguinte (Figura 2), o Centro de Convenções de Palmas já existia apesar de algumas partes de sua estrutura estarem precárias. Quando assumi o cargo, o atual prefeito além de deixar clara a necessidade de um Centro de Convenções na cidade, gasta com sua reforma, atualmente finalizada, pouco mais de 1 milhão de reais. O alto investimento, e a decisão consensualmente induzida em reforma-lo, promete inserir Palmas no turismo de negócios nacional, e é claro, internacional.



Publicado em 21/12/2016 às 08h31 - Atualizado em 21/12/2016 às 08h50

Autor: Wédila Jacome

Agência de Turismo

Centro de Convenções impulsiona turismo de negócio em Palmas

Para o prefeito Carlos Amastha, a mais jovem capital do País tem se consolidado no cenário nacional e internacional como uma cidade capaz de receber grandes eventos e seguir sua trajetória de desenvolvimento com personalidade e maturidade: "Fomos sede dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, o que levou nossa Palmas para o mundo inteiro. Aqui, temos uma matéria-prima muito valiosa, que são as pessoas apaixonadas pela Cidade."

Figura 2: Matéria divulgada pela Prefeitura de Palmas fala sobre a inserção da cidade no turismo de negócios. O Centro de convenções em questão já existia, entretanto estava em péssimas condições, sua reforma custou um pouco mais de 1 milhão de reais. 2016 Fonte: <http://www.palmas.to.gov.br/>

Outra característica marcante dessa gestão é a aproximação com a classe empresarial e iniciativa privada. Em diversos discursos, a fala do prefeito sempre dá destaque para a importância de tal união. Como claro exemplo tem-se a figura abaixo (Figura 3), quando ao definir as Secretarias na gestão em vigência, quem assume a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Emprego, é a ex-presidente da Associação Comercial e Industrial de Palmas, na fala, ele afirma: "Teremos um nome da iniciativa privada, (...) É muito importante esse link (...)".

Prefeito de Palmas fala sobre expectativas para 2017 em entrevista coletiva

A novidade no quadro, a princípio, será na pasta de Desenvolvimento Econômico e Emprego, na qual assumirá o ex-presidente da Associação Comercial e Industrial de Palmas (Acipa), Kariello Coelho. “Teremos um nome da iniciativa privada, isto já está dando certo e vamos dá continuidade. É muito importante esse link com a iniciativa privada”.

Figura 3: Em coletiva com a imprensa sobre a distribuição das Secretarias o prefeito aproxima a iniciativa privada nessa nova Gestão. 2016. Fonte: <http://www.palmas.to.gov.br/>

A cultura, divulgação de eventos e afins, aparece nesse contexto como forma de prover simbolicamente, a união entre os habitantes. Construindo, com afirma Souza (2011), a imagem de uma sociedade homogênea e harmoniosa, fornecendo um desejo simbólico de identificação, e um temor da desagregação.



Figura 3: Propaganda divulgada quando Palmas, ao ter “disputado” com Rio de Janeiro e Belém, consegue se eleger como a Cidade que iria sediar os I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas de 2015. Fonte: <http://www.facebook.com/cidade.palmas>

Isso deixa claro que a partir de agora, as questões urbanas vigentes na cidade, força de trabalho, movimentos sociais, uso racional do solo, são deixadas de lado. A questão urbana em evidência na atualidade é a **competitividade**. (VAINER, 2000)

Ao fazer uso intenso do *marketing* urbano e movida pela ânsia empresarial, Palmas busca se inserir no tão disputado circuito nacional, e internacional, de cidades disponíveis para o mercado crescente do turismo, dos megaeventos e dos negócios. Se tornando uma cidade deveras competitiva, segregacionista, excludente e por vezes, superficial. Resultado de um

desenvolvimento urbano que é pautado por escolhas que privilegiam interesses quase sempre privados em detrimento de interesses sociais. (Harvey, 2014)

A Arte como resposta

A poética do urbano

O termo “poetizar do urbano”, foi citado por Hélio Oiticica, como crítica aos urbanistas que haviam esquecido por completo do “potencial poético do urbano e, principalmente, da relação inevitável entre o corpo físico e o corpo da cidade que se dá através do andar, através da própria experiência física.” (JACQUES, 2005, p.24)

Encarar e vivenciar a cidade pós-moderna é segundo Fontes (2013) passar a ter relações, tanto na cidade tanto com os indivíduos, efêmeras. Efemeridade que contraditoriamente pode transformar e provocar o homem, potencializando e gerando nele “a inquietação e a imaginação” (FONTES, 2013, p.13). Positivamente as condições efêmeras podem funcionar como catalizadores para as relações de troca.

Desse modo o cotidiano efêmero⁷ pode se apresentar como forma de resistir “à normatização dos padrões de comportamento público na cidade contemporânea”. (FONTES, 2013, p. 53)

A cidade ocasional revele sua dimensão ativa, seu impulso lúdico, sua capacidade de descobrir potencialidades, de recuperar lugares ou mesmo de ‘poetizar’ no espaço urbano (FONTES, 2013, p.53)

Partindo da premissa que a produção da cidade se baseia na lógica do capital, assim como na produção de aparências e representações, seja na publicidade, seja no embelezamento do espaço urbano, ações que geram e que originam um espaço que indubitavelmente “dificulta vínculos, fragmentário e agressivo aos sentidos, socialmente dividido, crescentemente privatizado e direcionado pelo lucro financeiro” (SOUZA, 2011, p. 37)

⁷ Fontes usa o termo “urbanismo cotidiano” para denominar ações públicas cotidianas de cunho residencial ou econômico que burlam os ritmos de tempo ou espaço imposto pelo trabalho, por exemplo. São atividades efêmeras que se adaptam ao cotidiano de outros indivíduos de maneira cíclica, ou seja, de acordo com as necessidades do espaço e de seus usuários. (FONTES, 2013)

A partir do momento que se pretende criar relações artísticas até então livres da apropriação do mercado, com o contexto social, econômico ou histórico que a sociedade se encontra, com a cidade, se está, a princípio desafiando⁸ essas próprias relações de capital, ilustrando e colocando em destaque tensões ou disputas existentes. Resistir ao que é imposto é também disputar o espaço da cidade.

Ao entender que os eventos e as relações simbólicas ou sociais que ocorrem na cidade são em sua maioria efêmeras, uma intervenção artística contemporânea propõe nesse processo, e naquele momento, “um uso alternativo, crítico e subversivo do espaço urbano, uma alternativa de produção do espaço social” (MUSSI, 2014, p.21).

Repare Palmas: Intervenções artísticas como intervenções críticas

re.pa.rar (*lat reparare*) *vtd* **1** Pôr em bom estado, voltar ao estado primitivo ou fazer melhor; consertar **2** Restabelecer, reconstituir, fortificar **3** Prestar atenção em; notar, observar (Dicionário Michaelis)

Em meio a esse contexto, o conceito “**repare Palmas**” se apresenta com o intuito de estabelecer críticas e respostas às problemáticas de Palmas enquanto cidade mercadoria e pretende gerar pequenos “formigamentos” para a sociedade.

O desenvolvimento das intervenções se deu a partir da tematização das propostas, do que era perceptível, visível na cidade, ao que era sensível. O espetáculo, alvo de discussão e objetivo de estudo do presente trabalho se mostra fragmentado, suas consequências foram passíveis de serem ilustradas, materializadas já ele, se mostrou “imaterializável”.

Para tanto ao propor a ocupação do espaço urbano da cidade de Palmas através de pequenas intervenções artísticas tem-se a intenção final de estalar um possível processo de transformação do pensamento de seus habitantes sobre a cidade.

⁸ A cidade-negócio está ancorada numa pseudomercadoria, o solo (...) que, aliás, não foi produzida pelo homem, muito menos para ser vendida num mercado” (ARANTES, 2000, p.26). Logo o desafio fica claro a partir do momento que o solo, ao possuir um valor no mercado, é ocupado pela arte urbana contrariando a lógica de consumo.

Uma nova percepção e a possibilidade de trocas entre os cidadãos podem suscitar a formação de um novo discurso “(...) sobre quem somos, o que queremos, o que podemos, o que não podemos, enquanto sociedade.” (MUSSI, 2014, p. 98)

(...) tal como uma pequena pedra atirada em um lago, cujas ondas produzidas a partir de um ponto singular podem se propagar por toda extensão do lago, ou como uma epidemia mais ou menos intensa. (THEMUDO 2002 *apud* MUSSI, 2014, p.173)

Foram idealizadas três ações efêmeras que tinham por objetivo suscitar questões sobre a segregação social no espaço urbano, a ausência da experiência corporal na cidade e o (re)conhecimento do morador como parte da cidade.

A primeira ação, “Não é porque você não vê que eles não existem” expõe a invisibilidade do morador de um dos assentamentos informais existente em Palmas, ressaltando o óbvio, não é porque a periferia está segregada espacialmente, estando longe do centro que deixará de existir.

“Veja outra Palmas” segunda intervenção feita, propôs o resgate da experiência corporal do indivíduo com a cidade. O ato de andar pela cidade, percebendo-a, tem o potencial de fortalecer vínculos do usuário com a paisagem urbana, conseqüentemente com sua própria história.

Sendo a cidade, para Kehl (2015), a extensão de seus habitantes, existindo por intermédio deles, a terceira ação, “Você mora em Palmas. E Palmas, mora em você?” tem a intenção final de despertar no usuário do espaço urbano o sentimento de pertencimento a Palmas. Reconhecer que a cidade habita em si simbolicamente, é se reconhecer como parte fundamental da cidade.

Uma intervenção traduz simbolicamente os problemas existentes na cidade e geram resultados que podem nos fazer “compreender melhor o lugar no qual vivemos e as formas possíveis de discuti-lo e reinventá-lo” (MUSSI, 2014, p.153)

Intervenção I – Não é porque você não vê que eles não existem

Local da intervenção	Avenida Juscelino Kubistchek
Impulso	Segregação sócio espacial
Intenção	Expor o processo de segregação sócio espacial existente e muitas vezes desconhecido na cidade de Palmas
Período de duração	6 dias

Contexto

O processo de reurbanização das cidades advindo do planejamento estratégico provoca uma produção do espaço urbano desigual e segregacionista, a cidade mercadoria gera como afirma Ascher (2010) cidades fragmentadas.

Medidas de revitalização do espaço urbano ocasionam para Souza (2011) uma mudança populacional conscientemente intencional, onde o mais pobre dá lugar a moradores “economicamente mais interessantes” (SOUZA, 2011, p.25). Além da construção de edifícios privados de uso coletivo e acesso controlado que ao possuírem um aspecto visual elitista segregam e expulsam usuários que não atinjam o poder aquisitivo desejado. O espaço urbano se apresenta como ambiente em potencial para a demonstração do exercício de poder. (SOUZA apud RUBINO, 2011, p. 26)

Atrelada às medidas de reurbanização, a administração pública municipal se mostra omissa à periferia para que essa se mantenha, reforçando a existência do processo de dualidade na cidade, o esquecido *versus* o notado, o pobre *versus* o rico.

As atividades culturais e outros eventos são produzidos nesse contexto a fim de simular entres os habitantes, estejam eles em locais privilegiados ou não da cidade, a inexistência do processo de segregação espacial e uma sensação de urbanidade e civilidade, a sensação de inclusão é construída, juntamente com sensação de sociedade unida e homogênea (SOUZA, 2011).

Em Palmas esse processo de segregação e fragmentação se deu ainda no início de sua construção, tanto o intuito de manter os mais pobres fora de vista, como para reafirmar o processo especulativo de terras, até o momento, ociosas.

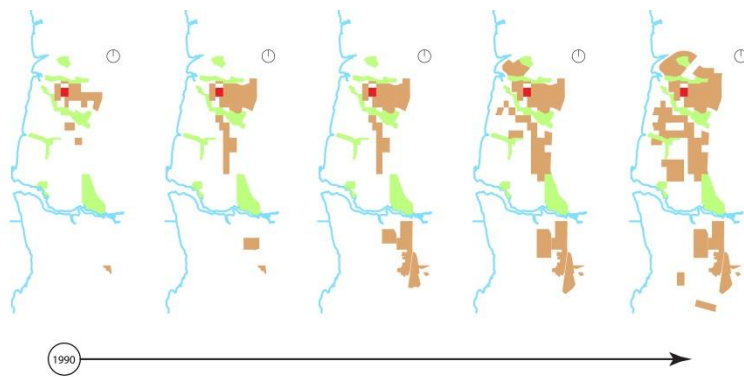


Figura 4: Processo de ocupação de Palmas a partir de 1990. Observa-se a formação da periferia na porção Sul da cidade. 2016. Fonte: SEDUH 2005, adaptado pela autora.

Local

O local escolhido para realizar a intervenção foi a Avenida JK, avenida que corresponde ao centro comercial e administrativo da cidade de Palmas. Agências bancárias, grandes lojas e inclusive a Prefeitura ali se localizam. A passagem dos transeuntes é frequente.



Figura 5: Localização Avenida Jk. 2016. Fonte: SEDUH, 2005, adaptado pela autora.

O centro situado distante geograficamente da ocupação se torna local privilegiado para induzir e provocar a reflexão sobre a segregação do espaço urbano para um grande e variado número de pessoas. Para usuários corriqueiros desse espaço urbano em questão a intervenção se mostra como catalizadora de uma reflexão, o próprio Centro é inclusivo? Ou ele também segrega?

A Intervenção

A intervenção consistiu no resgate de fotos das famílias residentes na ocupação T-33⁹ e a partir do tratamento das imagens, ocultá-las. Ao ocultar visualmente tais famílias, deu-se destaque e ilustrou a “invisibilidade” dos residentes, a frase posta abaixo, no painel, “não é porque você não vê que eles não existe”, também ilustra essa invisibilidade.



Figura 6: Intervenção exposta formada por painéis. 2016. Fonte: autora.

Percepções

Á ida a campo para realização da intervenção deixa clara a monumentalidade da avenida, e até mesmo uma segregação funcional, carro, pedestre, carro. Apesar dos 6 painéis, juntos, totalizarem aproximadamente 5 metros de comprimento, a intervenção só poderia ser perceptível por usuários que caminhassem significativamente próximos ao muro.

Há que se destacar que a intervenção disputa o espaço urbano com outras propagandas ou apelos visuais. Acima dos painéis um outdoor divulgava a programação do carnaval, Palmas Capital da Fé, o espetáculo sobrepondo a outra face de Palmas.

Intervenção II – Enxergue outra Palmas

Local da intervenção	Rotatória entre cruzamento da Avenida LO-09 com a Avenida NS-05
Impulso	Resgatar a experiência corporal na cidade

⁹ A ocupação, denominada T-33, localizada na região Sul de Palmas contabilizava ainda em 2014, 350 famílias todas morando em habitações improvisadas com lonas e madeira e em extrema precariedade.

Intenção	Enquadrar visuais naturais e proporcionar ao usuário do espaço um —respiroll da paisagem urbana corriqueira
-----------------	---

Período de duração	1 dia
---------------------------	-------

Contexto

A cidade enquanto espaço que vem recebendo intervenções a fim de ser homogeneizado, isento de conflitos, deixa a partir disso de proporcionar aos seus usuários relações de trocas e comunicação. A convivência e a experiência urbana são substituídas pela indiferença. (SOUZA, 2011)

Contudo, Drummond e Jacques (2004) afirmam que a memória da cidade é construída a partir da experiência que se tem nela. O escritor João do Rio, logo após a reforma urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro, escreve “A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações... Ora, a rua é muito mais do que isso a rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma!” (DRUMMOND, JACQUES, 2004, p.2)

A experiência com a cidade pode surgir, afirma Fontes (2013) do próprio cotidiano. Apropriar-se de um espaço significa reconhece-lo como próprio. Ter com a cidade uma experiência corporal não mecanizada engrandece e reforça os laços simbólicos do usuário corriqueiro com o espaço em questão e com a própria cidade.

É impossível se tornar indiferente a uma cidade que faz parte também da memória coletiva e individual de sua população. Uma experiência em comum para Santos (2006) gera relações de reciprocidade, produzem a alteridade e a comunicação.

O potencial da experiência na cidade é ínfimo, nela pode haver encontro, cooperação e conflito. Tais relações geram, sem dúvida, mais participação e envolvimento com os cidadãos. Quando, para Santos (2006) o homem vive em um espaço que não ajudou a construir, esse lugar passa a ser “sede de uma vigorosa alienação” (SANTOS, 2006, p.221). A experiência desse modo se estabelece como instrumento de resistência a alienação. (SOUZA, 2011).

Em Palmas, além do traçado urbano não proporcionar essa vivência da cidade, a cidade espetáculo restringe o usuário do espaço urbano de uma apropriação espontânea, e acabamos sendo induzidos a andar por locais pré-estabelecidos.

Local

A avenida escolhida para a instalação da intervenção foi a Avenida LO-09, com 36 metros de largura, se difere das demais em razão da ausência de canteiro central arborizado, em consequência de no início da construção de Palmas ter sido a pista do Aeroporto. Visualmente e fisicamente se apresenta como uma pequena cicatriz no traçado urbano.



Figura 7: Localização rotatória Avenida LO-09. 2016. Fonte SEDUH 2005, adaptada pela autora.

Entretanto existe ali algo que chama a atenção e tem destaque positivo das demais, a pista perspectiva e direciona à visual da Serra do Carmo. O horizonte natural e o construído se entrelaçavam.

A intervenção

A curiosidade para apreciar a vista é despertada quando a janela, pintada de amarelo, locada no meio do cruzamento, de antemão instiga a atenção. Na intervenção o significado simbólico da janela aproxima a paisagem da cidade com o passageiro, uma janela direciona a algo, mas o que? Inconscientemente a janela nos é apresentada como algo a direcionar o belo, uma bela paisagem. Para alguns a janela transmite paz, tranquilidade.



Figura 8: Intervenção enquadrando visual da Serra do Carmo, 2016. Fonte: autora.

Além da aproximação simbólica, cidade & morador, a intervenção se mostra como potência transformadora daquele trajeto rotineiro.

Percepções

A ida a campo para instalar a intervenção foi essencial para perceber o quanto a monumentalidade aqui também se mostrava presente. A intervenção, assim como a proposta de enquadrar a visual só poderiam ser percebidas por quem, voltando o olhar a sua esquerda estivesse seguindo o trajeto dentro de um veículo, em velocidade reduzida.

Intervenção III – Você mora em Palmas, e Palmas mora em você?

Local da intervenção Estações de ônibus, Apinajé, Xambioá, Krahô, Karajá

Impulso	Identidade / Pertencimento
Intenção	Despertar o sentimento de pertencimento da cidade ao seus habitantes
Período de duração	sem período determinado

Contexto

A cidade é para Kehl (2015) o local onde o homem passa a ter existência pública, portanto é na cidade que o homem se reconhece, cria sua própria história. A cidade possibilita a troca

entre os usuários, resultando em ações que geram a conexão e a articulação entre dimensões físicas, temporais e sociais. (FONTES, 2013)

A identidade e o reconhecimento da cidade como dimensão sensível e subjetiva implicam na compreensão do espaço urbano como “coisa humana por excelência” (LEITÃO, 2014, p.66), pertencente aos homens. A identificação como afirma Leitão (2014) é própria da condição humana, tem papel fundamental em sua constituição. É também intrínseco à condição humana o desejo inerente de unificar-se, buscar no outro e na vivência do espaço habitado a unificação.

Portanto ao habitar a cidade e simbolicamente a cidade habitando em si, esta deixaria de ser apenas um palco, ou um cenário, mas um espelho, um “espaço privilegiado onde o humano se realiza, pois nele se reconhece em sua humanidade.” (LEITÃO, 2014, p.89)

Desde quando Palmas foi criada, em 1989, buscou-se forjar uma identidade, na época esta movida por interesses pessoais de quem estava no poder. A construção da ideia de identidade hoje, na gestão atual tem a intenção de criar uma sociedade coesa, fortalecida, homogênea, e que impeça dessa forma, que conflitos sejam gerados.

Local

A intervenção foi feita em 4, das 6 estações terminais de ônibus existentes em Palmas, foram elas: Estação Apinajé, Estação Xambioá, Estação Krahô e Estação Karajá. Foram realizadas nelas pelo fato de que há ali passagem única e exclusiva para pedestres, além do grande fluxo de passageiros

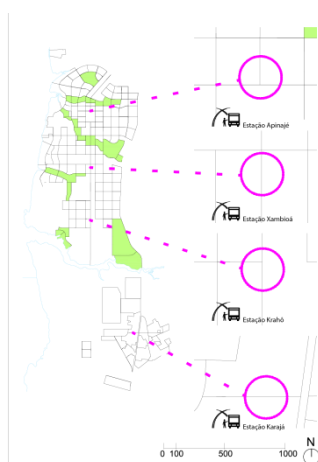


Figura 9: Localização estações de ônibus. 2016. Fonte: SEDUH 2005, autora.

A intervenção

A intervenção se constituiu na reprodução da frase, “Você mora em Palmas. E Palmas, mora em você?” no chão de algumas estações de ônibus de Palmas, como já tido anteriormente. Passível de fácil identificação, a intervenção ao estar próxima do pedestre, acessível a ele, se contrapõe ao espetáculo, este inacessível.



Figura 10: Intervenção na estação Apinajé, 2016. Fonte: autora.

Percepções

Diferente das demais intervenções já apresentadas, que foram feitas para ocupar outra escala do espaço urbano e se depararam com a sua monumentalidade, a ação “Você mora em Palmas. E Palmas, mora em você?” tinha a intenção de ser compreendida somente pelo passante que em seu tempo de espera pelo próximo ônibus pudesse se defrontar com alguma reflexão.

Entretanto as estações assépticas e vigiadas por câmeras imprimiu uma sensação de repressão durante a realização da ação.

Considerações finais

O sentido mercadológico, turístico e consumista de produção do espaço urbano nas cidades, passa a atuar como modelo estruturante, sendo este responsável por consolidar os espaços cenarizados, apolíticos e genéricos. Em Palmas esse cenário de planejamento não se mostra diferente.

Entretanto, ademais das outras cidades mercadorias e suas medidas de planejamento, Palmas expõe problemáticas distintas, as quais acabaram dando forma às intervenções propostas, e partiram do que era visível fisicamente no espaço, para o que era sensível ou perceptível somente simbolicamente.

A segregação do espaço urbano tendo sido originada ainda no começo da ocupação da cidade, que afasta a população mais pobre para periferia. Desse modo a outra parcela da população municipal deixa assim de conhecer o “lado distinto” de sua cidade, sua “cara metade”, pelo fato de que esta nunca está, e nem estará, visível e muito mesmo escancarada.

Há em Palmas também um destaque para a conformação de seu traçado urbano, este, apesar de sua proposta funcionalista, com avenidas largas, ocasiona uma sensação de monumentalidade que desampara. Ao andar pela cidade, tal qual um gigante labirinto, tem-se a sensação da separação do corpo físico com a cidade, andar sem perceber-la, sem repará-la e sem estar amparado por ela, fortalecem a sensação de um “passeio remoto” e inseguro.

E por fim a provocação, seria a cidade politicamente projetada capaz de criar vínculos símbolos com sua sociedade? E a sociedade entre si? Porque a identidade da cidade não poderia aqui ser despertada gradativamente, se assemelhando a uma emancipação cultural? Talvez seja pretensão desejar que uma cidade e um estado de 26 anos tenham tais vínculos simbólicos de pertencimento já construídos e estabelecidos. Entretanto faz-se necessário, ao mesmo tempo, resistir ao que é imposto, se fortalecer e se “encontrar” enquanto parte da cidade.

A arte urbana se mostra como uma forma lúdica de se discutir o espaço urbano e ao mesmo tempo instigar no usuário uma maior percepção do mesmo. Ao nos relacionar com a cidade, experimentando-a, somos capazes de reparar em algo ou em situações que antes passavam despercebidas.

De todo modo propor intervenções ou ações efêmeras no espaço urbano e refletir sobre quais reflexões estas seriam capazes de suscitar, mesmo que momentaneamente no lugar e em seus usuários, é imprescindível para entender qual é a cidade que vivemos e de que forma poderíamos “discuti-la e reinventá-la” distante das amarras de construtoras ou empresários interessados em fazer da cidade sua bolsa de apostas.

Como conclui Harvey (2014),

(...) todos aqueles cujo trabalho está envolvido em produzir e reproduzir a cidade tem um direito coletivo não apenas àquilo que produzem, mas também em decidir que tipo de urbanismo deve ser produzido, onde e como. Os meios democráticos alternativos (além da democracia existente do

poder do dinheiro), como assembleias populares, precisam ser construídos caso se pretenda revitalizar e reconstruir a vida urbana fora das relações dominantes de classe. (HARVEY, 2014, p.245)

Referências Bibliográficas

ARANTES, Otília. *Estratégia Fatal: a cultura nas novas gestões urbanas*. In: ARANTES, Otília; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 3ª Edição. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

ASCHER, François. *Os novos princípios do Urbanismo*. São Paulo, Romano Guerra. 2010.

BOCAYUVA, Pedro Cláudio Cunca. *Rio de Janeiro: Modernidade Global e Intensidade no Espetáculo Urbano do Século XXI*. Revista Prumo, Rio de Janeiro, Ano 1, nº1, 2015. Disponível em <<http://www.revistaprumo-dau-puc-rio.com.br/index.php/11-conteudo/13-rio-de-janeiro-modernidade-global-e-intensidade-no-espetaculo-urbano-do-seculo-xxi>>. Acessado em 20 de outubro de 2015.

BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola Berenstein. *Corpocidade: A Arte enquanto micro-resistência urbana*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 21, n. 2, p. 337-350. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/273/334>>. Acessado em 16 de novembro de 2015.

DRUMMOND, Washington Luis, JACQUES, Paola Berenstein. *Pequeno histórico das errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade*. Salvador, 2015. Disponível em <<http://unuospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1024>>. Acessado em 20 de outubro de 2015.

FERREIRA, João Sette Whitaker. *O mito da cidade global: o papel da ideologia na produção do espaço terciário em São Paulo*. Revista Pós-FAUUSP. São Paulo, 2004. Disponível em <http://www.usp.br/fau/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/ferreira_mitocidadeglobal_pos2.pdf>. Acessado em 04 de novembro de 2015.

FONTES, Adriana Sansão. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: apropriações, arte e festa na cidade contemporânea*. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Casa da Palavra. Faperj, 2013.

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo. Martins Fonte, 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=172100/>>. Acesso em 23 de outubro de 2015

JACQUES, Paola Berenstein. *Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade*. ArqTextos, Porto Alegre 2005. Disponível em <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf> Acessado em 09 de agosto de 2015.

KEHL, Maria Rita. *Olhar no olho do outro*. Revista Piseagrama, vol. 07. Belo Horizonte, pp. 22-31. 2015.

LEITÃO, Lúcia. *Onde coisas e homens se encontram: Cidade, arquitetura e subjetividade*. 1º Edição. São Paulo. Ed. Annablume, 2014.

MICHAELIS: *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MUSSI, Joana Zatz. *O espaço como obra*. 1º edição. São Paulo, Ed. Annablume, 2014.

PALLAMIN, Vera M. *Arte Urbana; São Paulo : Região Central (1945 - 1998): obras de caráter temporário e permanente*. São Paulo, Fapesp, 2000.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4º Edição. São Paulo, Editora da Universidade, 2006.

SEGAWA, Hugo. *Palmas, cidade nova ou apenas uma nova cidade?* Revista Projeto, nº146, Outubro 1991.

SOUZA, Gabriel Girnos Elias de. *Territórios Estéticos: a experiência do projeto Arte/Cidade em São Paulo (1994-2002)*. 1º Edição. São Paulo, Ed. Annablume, 2011

TEIXEIRA, Coelho. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. São Paulo. Iluminuras, 1997.

VAINER, Carlos. *Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico*. In: ARANTES, Otília; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. 3º Edição. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.